



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Reunião do Copom pode consolidar apostas em queda da Selic a partir de agosto

O principal destaque da semana é a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, cuja decisão será conhecida na noite de quarta (21). Embora seja praticamente consenso que a taxa Selic será mantida em 13,75% aa na reunião, a grande expectativa dos agentes está no comunicado pós decisão, que poderá consolidar as apostas acerca do início do processo de flexibilização monetária a partir da próxima reunião (dias 01 e 02 de agosto).

No documento, o Colegiado deve reconhecer a melhora do cenário econômico, com desaceleração da inflação e das principais medidas de núcleo, apesar de ainda se manterem acima da meta. Na mesma direção, as projeções do BCB para 2023 e 2024 também devem recuar, refletindo a queda dos preços das *commodities* e a valorização do Real. Outro ponto positivo é a redução do risco fiscal com o avanço do novo arcabouço no Congresso, ratificado pela melhora da perspectiva para o *rating* soberano, conforme indicado pela agência de risco S&P na última semana. Por fim, as expectativas de inflação do mercado também têm caído, inclusive para horizontes mais longos (embora ainda de forma bem modesta), refletindo tanto a conjuntura mais positiva como a perspectiva de que não haverá alteração na meta de inflação. Este, por sinal, parece ser o último tema a ser pacificado para que o BCB comece a reduzir a taxa Selic, dado que a reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN) que definirá as metas de inflação acontecerá na próxima semana (dia 29) e as indicações sugerem que o órgão deve mantê-la em 3% (embora com alguns aperfeiçoamentos, como a mudança da aferição de ano-calendário para um objetivo contínuo).

Ainda na agenda nacional, a FGV divulgará na terça (20) o resultado do Monitor do PIB de abril, que deve confirmar, assim como o índice IBC-Br do BCB, que a atividade seguiu avançando neste início de 2T23. Também na semana, mas sem data definida, a Receita Federal pode divulgar o resultado da arrecadação de impostos federais de abril (atrasado) e maio, que deve seguir em alta, sustentada pela dinâmica positiva do mercado de trabalho.

Na terça (20) a Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado deve votar o Parecer sobre o novo marco fiscal. A Comissão deve retirar o Fundeb e o Fundo Constitucional do DF do arcabouço. Ainda, há uma discussão sobre a alteração do período de aferição da inflação para a correção das despesas de 2024, se será mantido de jul-jun ou se mudará para jan-dez, o que também abriria espaço para maiores gastos ano que vem.

No cenário internacional, os agentes ficarão atentos aos discursos que serão feitos pelos dirigentes do Fed ao longo da semana, em especial pelo seu presidente, Jerome Powell, que falará na quinta (22). Apesar da manutenção da taxa básica de juros no intervalo de 5,0% a 5,25% aa na última reunião, o Colegiado sinalizou a disposição de realizar até mais duas altas de 0,25 pp neste ano. Assim, os discursos serão importantes para os agentes entenderem sob que condições o Fed adotará tal estratégia.

Na China, por outro lado, a expectativa é que hoje (19) à noite seja anunciado o corte nas taxas de juros de empréstimos de 1 ano e 5 anos, com o governo buscando estimular a economia, que dá sinais de perda de tração após a recuperação pós-Covid. A redução passou a ser amplamente esperada pelo mercado após a redução nas taxas de juros de empréstimos de médio prazo pelo PBoC (de 2,75% para 2,65% aa) na última semana, dentre outras medidas já tomadas na mesma direção. Com isso, as taxas prime de 1 e de 5 anos devem cair para 3,55% aa (ante 3,65% aa) e 4,20% aa (ante 4,30% aa), respectivamente.

Entre os indicadores, destaque para as prévias de junho dos índices PMIs nos EUA e na Zona do Euro, que serão conhecidos na sexta (23). Em geral, a expectativa é que o setor de serviços siga em expansão, enquanto a manufatura permaneça em retração (abaixo de 50 pontos). Por fim, entre terça (20) e quinta (22) serão divulgados os dados do setor imobiliário norte-americano do mês de maio, que devem seguir mostrando números fracos, afetado pela política monetária contracionista.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as respectivas datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
20/jun	FGV: Monitor do PIB	Abr/23	-	1,8% m/m 4,5% a/a
21/jun	BCB: Reunião do Copom	-	13,75% aa	13,75% aa
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos Federais	Mai/23	0,8% a/a	-0,4% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/jun	China	Taxas Prime 1 ano e 5 anos	Jun/23	3,55% aa / 4,20% aa	3,65% aa / 4,30% aa
20/jun	EUA	Construções de casas novas	Mai/23	-0,1% m/m	2,2% m/m
20/jun	EUA	Alvarás para novas construções	Mai/23	0,6% m/m	-1,4% m/m
22/jun	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Jun/23 – prévia	-17,0 pts	-17,4 pts
22/jun	EUA	Vendas de casas existentes	Mai/23	-0,7% m/m	-3,4% m/m
23/jun	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Jun/23 – prévia	44,8 pts / 54,4 pts	44,8 pts / 55,1 pts
23/jun	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Jun/23 – prévia	48,5 pts / 54,0 pts	48,4 pts / 54,9 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Indicadores sugerem possibilidade de nova alta do PIB no 2T23

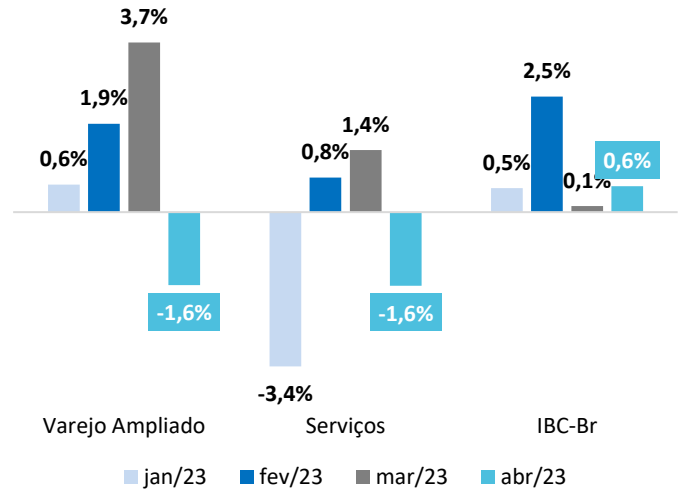
Os indicadores de atividade apresentaram sinais mistos em abril, mas com viés positivo. De um lado, os indicadores setoriais calculados pelo IBGE recuaram. De outro, o índice IBC-Br, proxy mensal do PIB calculada pelo BC, avançou de maneira consistente, provavelmente ainda impulsionado pelo setor agro, sugerindo a possibilidade de uma nova alta do PIB no 2T23.

As vendas no varejo ampliado caíram 1,6% em abril, mas devolvendo apenas parte da alta de março (+3,7%) e apresentando um resultado melhor do que o esperado (-2,3%). No conceito restrito, o setor ficou estável (+0,1%). Tal diferença é explicada pelo avanço concentrado no consumo de bens essenciais (de maior peso no restrito), como supermercados (+3,2%) e itens farmacêuticos (+0,3%), que têm se beneficiado do processo de desinflação, sobretudo dos alimentos consumidos no domicílio, e pela ampliação de transferência de renda do governo (Bolsa Família). Na outra ponta, os segmentos de itens de maior valor agregado, como veículos (-5,9%), equipamentos para escritório (-7,2%) e vestuário (-3,7%), recuaram, afetados pelas condições mais restritivas do crédito. De toda forma, a leitura de abril deixou um carregamento estatístico de +1,4% (conceito ampliado) no 2T23, sinalizando uma dinâmica ainda positiva do consumo das famílias no trimestre.

O setor de serviços, por sua vez, frustrou as expectativas ao recuar 1,6%, significativamente pior que o esperado pelo mercado (+0,7%). O resultado mais do que devolveu a alta de março (+1,4%) e mostrou sinais negativos na maioria das aberturas, com recuo em 4 das 5 atividades analisadas. O destaque foi a retração do segmento de transportes (-4,4%), tanto de carga (refletindo o menor escoamento da safra agrícola) quanto de passageiros, seguido pelos serviços de comunicação (-1,0%), profissionais (-0,6%) e outros (-1,1%). Apenas os serviços prestados às famílias cresceram (+1,2%), mas após mostrar retração nos últimos três meses. Assim, o resultado reforçou a leitura de perda de força do setor, que, após recuar 0,7% no 1º trimestre, deixou um carregamento de -0,5% para o 2º trimestre.

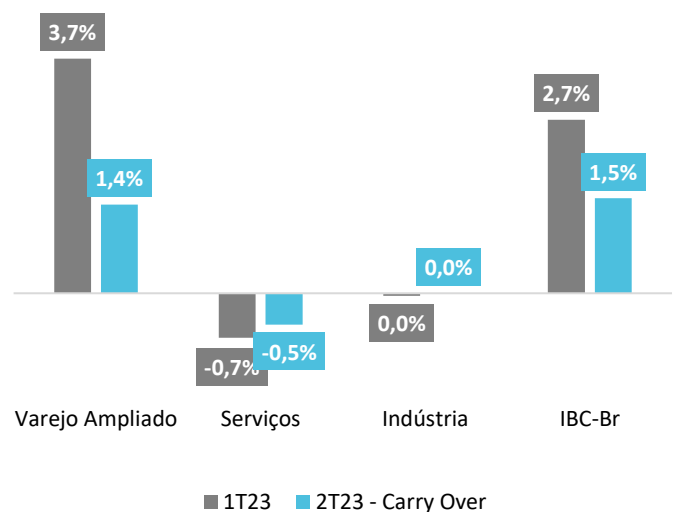
Por fim, a despeito dos recuos dos grandes setores (incluindo a queda de 0,6% da indústria) no mês, o índice IBC-Br avançou 0,6% em abril, acima do esperado pelos analistas (+0,1%). Na comparação interanual, o índice cresceu 3,3% (ante 5,7% em março).

Quadro 1: Indicadores de Atividade Var.% mensal



Fonte: IBGE e BCB.

Quadro 2: Indicadores de Atividade Var.% trimestral (T/T-1) e Carry Over

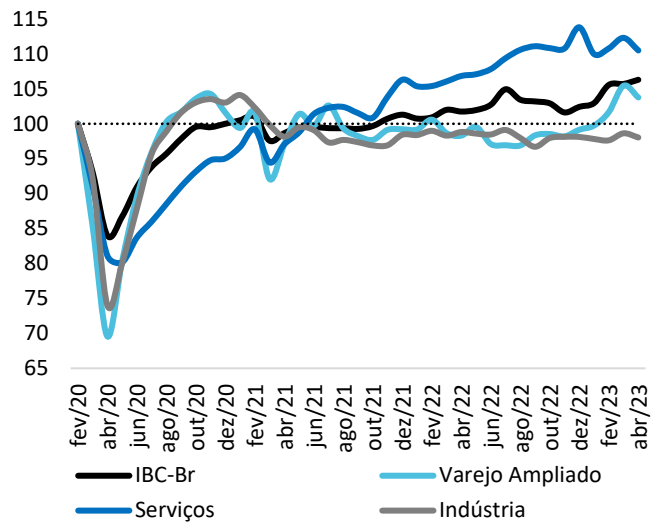


Fonte: IBGE e BCB.

O BCB não divulga as aberturas do índice, mas o resultado sugere que a agropecuária seguiu exercendo impacto positivo no mês, após ser a principal responsável pelo crescimento da economia no 1º trimestre. A leitura deixou um carregamento positivo para o 2º tri (+1,5%), sugerindo a possibilidade de uma nova alta do PIB neste trimestre.

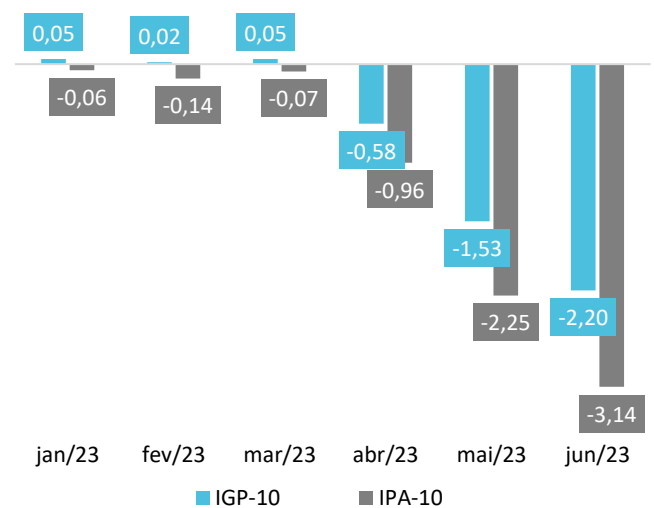
Em relação à inflação, os preços do atacado seguem mostrando um comportamento benigno, contribuindo para o processo de desinflação. O IGP-10 caiu 2,20% em junho, acentuando a queda ante o mês anterior (-1,53%) e aprofundando o recuo do índice no acumulado em 12 meses, de -3,49% para -6,31%, menor patamar da série histórica do indicador. O recuo segue puxado pela deflação de importantes *commodities*, tanto agrícolas quanto da indústria, como milho (-15,63%), bovinos (-6,17%), óleo diesel (-15,80%) e minério de ferro (-8,04%). Tal quadro tem contribuído para a acomodação da inflação no varejo (consumidor) e melhora das expectativas inflacionárias.

Quadro 3: Indicadores de Atividade – Índice com ajuste sazonal (fev/20 = base 100)



Fonte: IBGE.

Quadro 4: IGP-10 e IPA-10 – Var. % mensal



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Fed pausa ciclo de alta dos juros, enquanto BCE segue com processo de aperto monetário

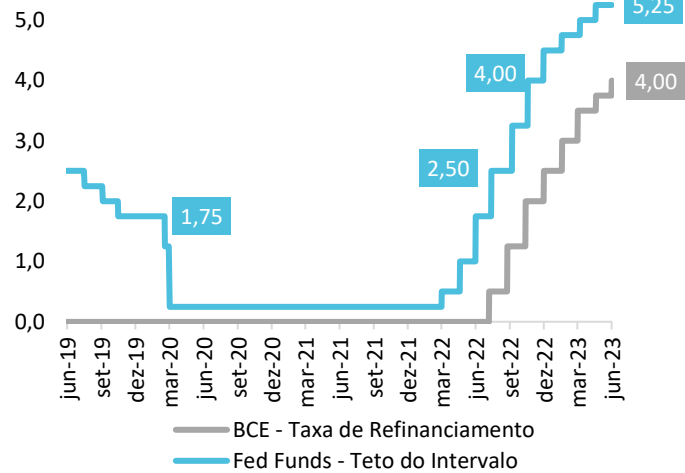
A semana foi marcada pelas decisões de política monetária nos EUA e na Europa, que vieram em linha com o esperado. Nos EUA, o Fed optou por uma pausa no ciclo de alta dos juros, impulsionando os ativos de risco, com os principais índices acionários do país registrando a maior alta semanal desde março, além de voltarem para níveis não vistos desde abril de 2022. Na Europa, o BCE voltou a subir juros, indicando mais altas pela frente, diante do nível ainda bastante elevado da inflação na região. O Banco Central da China, por outro lado, reduziu as taxas de juros de algumas operações e a expectativa é que novos estímulos ocorram em breve.

Como esperado, o Fed manteve os juros inalterados no intervalo entre 5,0% e 5,25% aa, indicando, no entanto, que se trata de uma pausa e que novas altas podem ocorrer, a depender da evolução da economia. Além disso, foram divulgadas novas projeções econômicas dos dirigentes da instituição, que indicaram mais duas altas de 0,25 pp até o fim do ano. Contudo, na coletiva de imprensa, o presidente do Fed, Jerome Powell, minimizou a importância das projeções, indicando que as decisões serão tomadas reunião a reunião. Diante dos sinais mistos emitidos pela instituição, a expectativa dos agentes é de apenas mais uma alta do juro no ano, na reunião de julho (dia 26). Quanto aos dados, a inflação ao consumidor (CPI) subiu 0,1% em maio, abaixo do esperado (+0,2%), com queda dos preços dos itens de energia (gasolina -5,6%; gás encanado -2,6%). Em 12 meses, o CPI ficou em 4,0% (ante 4,9%), menor nível desde mar/21. A atenção segue com o núcleo (sem alimentos e energia), que subiu 0,4% no mês, pressionado pelos preços dos serviços (transporte +0,8%; moradia +0,6%), que atingiu 5,3% em 12 meses (ante 5,5% em abr/23), mostrando uma desaceleração muito gradual.

Na Europa, o BCE subiu os juros em 0,25 pp, levando a taxa de refinanciamento para 4,0% aa. A presidente, Christine Lagarde, fez um discurso duro preocupada com as expectativas de inflação, indicando como muito provável uma nova alta de mesma magnitude em julho. Já a leitura do CPI de maio da região desacelerou para +6,1% (ante 7,0% em abr/23), em 12 meses, enquanto o núcleo ficou em 5,3% (ante 5,6%).

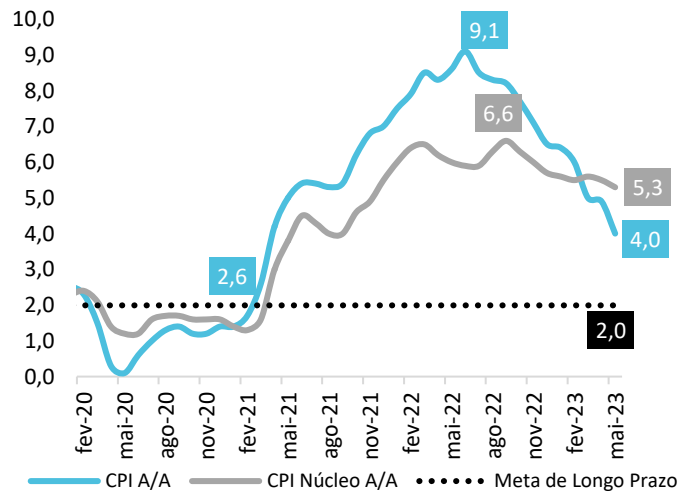
Por fim, na China, a atividade desacelerou em maio, em meio ao esgotamento do impulso da reabertura econômica, enquanto o mercado aguarda novos estímulos. A produção industrial subiu (3,5% ante mai/22), enquanto o varejo avançou 12,7%, abaixo do esperado (+13,7%).

Quadro 5: Fed Funds Rate (Fed) e Taxa de Refinanciamento (BCE) – Em % aa



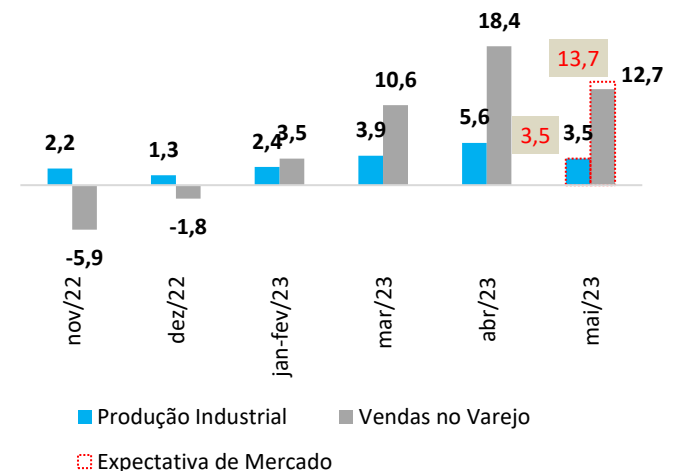
Fonte: Bloomberg.

Quadro 6: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: China – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % ante o mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg.

Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Mai/23

CRÉDITO / BANCOS

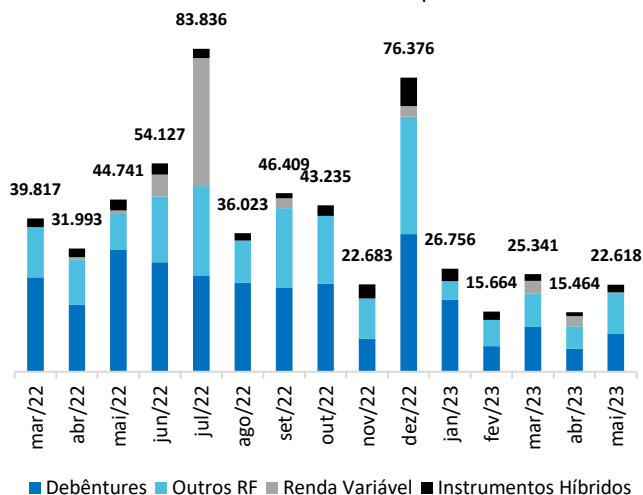
A Anbima reportou que as emissões no mercado de capitais doméstico atingiram R\$ 22,6 bilhões em maio. Este volume representa uma recuperação (+46,3%) com relação ao dado de abril, mas segue em patamar bem abaixo (-49,4%) se comparado ao mesmo mês do ano anterior. A recuperação mensal foi sustentada pela captação via instrumentos de renda fixa e híbridos, enquanto as emissões através de instrumentos de renda variável seguem bastante fracas.

As emissões do mês de maio seguiram concentradas nos instrumentos de renda fixa (89,3% do total). O principal meio de captação continua sendo as debêntures, com volume mensal de R\$ 9,8 bi. Embora tal montante represente uma alta razoável (+49,9%) ante abril, ainda equivale a um volume bastante baixo, se comparado com mai/22 (-69,0%), sugerindo que os sinais de recuperação do segmento ainda são modestos. No ano, a queda da emissão do instrumento é de 49,7%. Dois pontos chamam a atenção em relação à emissão destes títulos. O primeiro é que o apetite dos fundos de investimento segue muito baixo. Neste ano, tais entes absorveram apenas 25,5% das ofertas, contra 44,4% em 2022. Com isso, os bancos que subscrevem a oferta aumentaram a fatia adquirida de tais títulos (de 45,4% para 65,6%), reduzindo naturalmente a capacidade de novas ofertas. O segundo ponto é que as empresas tem relatado um aumento da destinação dos recursos captados via debêntures para o refinanciamento do seu passivo (de 19,2% em 2022 para 31,4%), conforme Quadro 10, sinalizando piora da situação financeira.

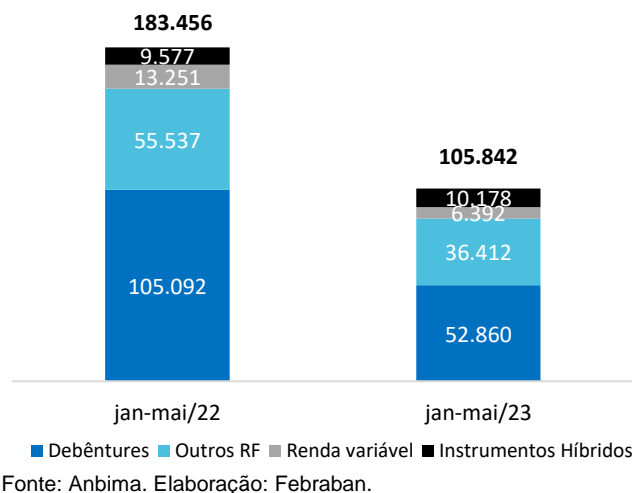
As emissões dos demais instrumentos de renda fixa (CRAs, CRIs, FIDCs e Notas Comerciais) apresentaram alta (+80,0%) no mês e ante mai/22 (+12,4%), sugerindo menor impacto do efeito Americanas/RJs neste segmento. No ano, registram queda de 34,4%. Já os instrumentos híbridos (FIIs e Fiagros) também se recuperaram em maio (+112,0% ante abr/23) e, no acumulado do ano, já superaram (em 6,3%) o montante captado em 2022, liderados pelo Fiagro (+77,2%), mostrando que o instrumento está se tornando uma importante fonte de captação. Por outro lado, o cenário para renda variável (IPOs e *follow-ons*) ainda é desafiador. Em maio, foram captados apenas R\$ 369 milhões em uma operação de *follow-on*.

Em resumo, o mercado de capitais doméstico ainda registra números relativamente fracos, diante das incertezas no cenário econômico, embora tenha havido alguma recuperação em maio. De toda forma, a perspectiva de flexibilização monetária pode trazer alguma melhora para o segmento no segundo semestre.

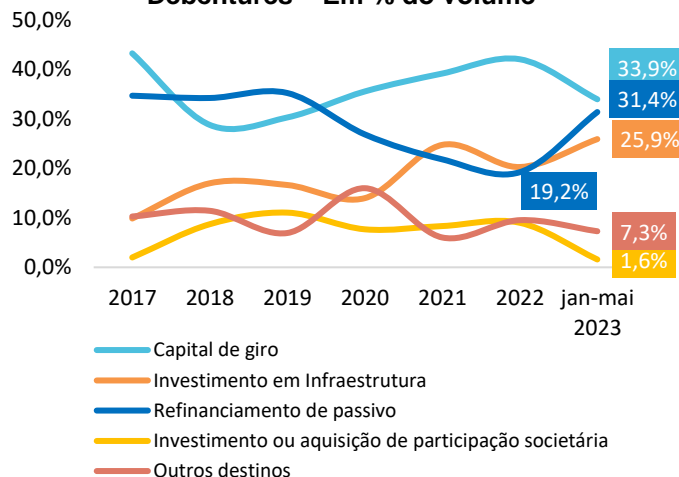
Quadro 8: Captação no Mercado de Capitais por instrumento - Em R\$ mi



Quadro 9: Captação no Mercado de Capitais Acum. no ano por instrumento - Em R\$ mi



Quadro 10: Destinação dos recursos captados via Debêntures – Em % do volume



CRÉDITO / BANCOS
Relatório de Economia Bancária (REB) – 2022

O Banco Central divulgou no início deste mês o Relatório de Economia Bancária de 2022, documento publicado anualmente que traz um panorama amplo do mercado de crédito e do Sistema Financeiro Nacional. No [informativo anterior](#), exploramos a atualização do estudo da decomposição do custo do crédito e do spread, além do capítulo que traz os dados de rentabilidade do setor. Agora, dando sequência aos temas de destaque, abordaremos o capítulo que trata dos dados de concentração e concorrência do setor. Acesse o relatório completo [aqui](#).

Concentração

Para o monitoramento dos níveis de concentração de diferentes segmentos do SFN, o BC seguiu utilizando o Índice Herfindahl-Hirschman Normalizado (IHHn) e a Razão de Concentração dos Quatro Maiores (RC4) nos agregados contábeis relativos aos ativos totais, depósitos totais e operações de crédito, permitindo um acompanhamento histórico dessas métricas.

O IHHn, indicador amplamente aplicado na literatura acadêmica e utilizado por autoridades nacionais e internacionais de defesa da concorrência, é obtido pela soma do quadrado da participação (na forma decimal) de cada instituição financeira (IF) no mercado, resultando em um número entre 0 e 1. Na visão do BC (baseada no Guia para Análise de Atos de Concentração, 2012), um número entre 0 e 0,10 corresponde a um mercado de baixa concentração; acima de 0,10 até 0,18, de moderada concentração; e acima de 0,18, de elevada concentração. Assim, quanto maior o IHHn, maior a concentração do setor. O RC4, por sua vez, mede o grau de concentração por meio da soma das participações das quatro maiores instituições financeiras em um dado mercado. No caso, um RC4 hipotético de 60, por exemplo, significa que as quatro maiores instituições representam 60% do mercado. Portanto, de forma similar, quanto maior o RC4, maior a concentração do setor.

O Quadro 11 traz uma síntese dos indicadores, e mostra que a tendência de redução da concentração no setor se manteve no período 2020-2022, considerando ambas as métricas (IHHn e RC4). Por sinal, a queda na concentração é observada em todos os agregados contábeis e, de maneira mais intensa, nos depósitos totais. Ainda, importante destacar que, pela ótica do IHHn, o setor é classificado como de baixa concentração (IHHn abaixo de 0,10) quando analisamos os ativos totais e depósitos totais, e de moderada concentração no caso das operações de crédito (IHHn = 0,1015), embora neste caso também já próximo de um setor de baixa concentração.

Quadro 11: Síntese dos indicadores de concentração do SFN

	Ativos totais			Depósitos totais			Operações de crédito		
	2020	2021	2022	2020	2021	2022	2020	2021	2022
Participação por segmento (%)									
b1+b2	88,1	87,0	86,8	93,5	92,2	91,1	86,4	86,2	86,1
b3	3,8	5,3	5,1	5,3	6,0	6,4	5,1	6,1	6,4
b4	7,0	6,3	4,9	0,2	0,2	0,1	7,4	6,3	5,7
n1+n2	1,1	1,4	2,2	1,0	1,5	2,2	1,2	1,4	1,7
n4	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Participação por tipo de controle (%)									
Público	40,6	38,0	37,0	34,9	32,6	32,0	45,6	45,5	43,7
Privado	59,4	62,0	63,0	65,1	67,4	68,0	54,4	56,5	56,3
Indicadores de Concentração									
IHHn	0,0981	0,0928	0,8888	0,1103	0,1032	0,0982	0,1068	0,1034	0,1015
RC4 (%)	57,3	56,0	55,7	62,7	60,1	58,9	59,4	59,3	59,0

Fonte: REB 2022. Legenda: b1 = bancos comerciais, múltiplos com carteira comercial e caixas econômicas; b2 = bancos múltiplos sem carteira comercial, bancos de investimento e bancos de câmbio; b3 = cooperativas de crédito; b4 = bancos de desenvolvimento; n1 = instituições não bancárias atuantes no mercado de crédito; n2 = instituições não bancárias atuantes no mercado de capitais; n4 = instituições de pagamento.

No que tange às participações dos diferentes segmentos, os indicadores mostram redução da fatia do mercado do segmento bancário (b1+b2) e dos bancos de desenvolvimento (b4) e aumento do segmento não bancário (b3+n1+n2+n4) em todos os agregados contábeis. Tal movimento foi puxado especialmente pelo ganho de participação das cooperativas de crédito (b3) e das instituições de pagamento (n1+n2) no período. Outro ponto de destaque é a redução da participação das instituições com controle de capital público, também observada em todos os agregados contábeis.

Além do grau de concentração geral do mercado, o BC também calcula a concentração das principais linhas de crédito. Por sinal, o BC ampliou as modalidades de crédito analisadas neste relatório, com os mercados somando 74,5% do total da carteira ativa em dez/22. O Quadro 12 traz o RC4 para os anos de 2020 a 2022, a variação no período e a classificação do nível de concentração por modalidade.

Quadro 12: Decomposição do ICC por modalidade Média de 2020 a 2022 – Em %

	RC4 (%)			Var. pp (2022 - 2020)	Nível de Concentração
	2020	2021	2022		
Financiamentos rurais e agro (PF + PJ)*	66,7	64,2	65,6	-1,1	Elevado
Financiamentos habitacionais (PF + PJ)*	92,3	92,2	92,6	0,3	Elevado
Financiamentos de infraestrutura e desenvolvimento (PJ)*	94,2	94,0	93,2	-1,0	Elevado
Operações com recebíveis (PJ)	69,4	65,8	62,8	-6,6	Moderado
Capital de giro (PJ)	55,8	57,0	57,4	1,6	Baixo
Crédito pessoal com consignação em folha (PF)	66,6	65,2	64,6	-2,0	Moderado
Crédito pessoal sem consignação em folha (PF)	54,0	49,7	47,5	-6,5	Baixo
Financiamento de veículos (PF)	66,3	65,1	61,5	-4,8	Moderado
Cartão de crédito (PF + PJ)	68,6	66,0	62,8	-5,8	Moderado
Cheque especial (PF + PJ)	77,6	73,5	71,5	-6,1	Moderado

Fonte: REB 2022. * Consideram-se, ao contrário dos demais mercados relevantes, além dos recursos livres, os recursos direcionados.

No geral, foi observada queda da concentração nas principais modalidades de crédito. Entre as mais relevantes, destaque para o recuo de 6,5 pp da participação de mercado dos 4 maiores do segmento (RC4) do crédito pessoal sem consignação em folha (PF), mantendo-se como uma modalidade de baixa concentração. Também observou-se recuos relevantes nas operações com recebíveis (PJ), cheque especial (PF+PJ), cartão de crédito (PF+PJ) e financiamento de veículos (PF), estes de nível moderado de concentração. As únicas altas ocorreram nos financiamentos habitacionais (PF+PJ) e em capital de giro (PJ), embora neste caso mantendo-se como uma modalidade de baixa concentração.

Outro ponto importante destacado pelo BC é que, dentre os mercados de alta concentração, prevalecem o crédito direcionado e a forte presença de instituições públicas. Já entre os mercados com moderada concentração, caracterizados pela presença de recursos livres, predomina a participação de bancos privados.

No geral, o REB reforça que o mercado de crédito brasileiro possui um nível moderado ou até mesmo baixo de concentração, compatível com um segmento que trabalha com níveis elevados de capital, alinhado com os pares internacionais. Ainda, o relatório segue mostrando uma tendência de redução dos níveis de concentração, movimento que pode ser atribuído à perda de participação dos principais bancos públicos do país vis-à-vis o ganho de mercado dos bancos privados, e, sobretudo, das cooperativas e *fintechs*. Quando se analisa a concentração entre as diferentes linhas de crédito, observa-se uma elevada heterogeneidade, sendo que as modalidades mais concentradas (imobiliário, rural e infraestrutura) são as que possuem forte presença do setor público. Por outro lado, as linhas com maior presença dos bancos privados são caracterizadas como de baixo ou moderado grau de concentração.

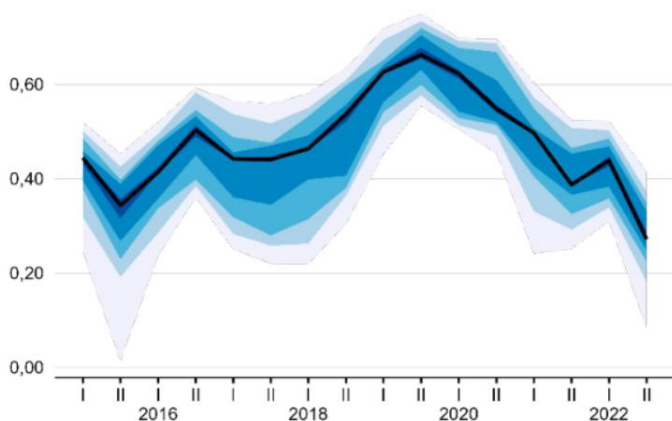
Concorrência

Para analisar a concorrência no mercado de crédito e nos serviços financeiros, o REB seguiu utilizando o Índice de Lerner, que pode ser definido como um mark-up relativo, isto é, quanto o mark-up (diferença entre preço e custo marginal) está acima do preço. No caso do setor financeiro, quanto menor a sensibilidade da demanda às variações de juros (preço), maior será o indicador e, deste modo, menor o grau de concorrência.

No Quadro 13, é possível observar que o Índice de Lerner do segmento bancário (b1+b2) recuou fortemente após o início da pandemia e apresentou alguma estabilidade relativa em 2022, embora com leve redução ante o final de 2021, indicando aumento na concorrência entre as instituições. Segundo o BC, essa estabilidade refletiu o aumento semelhante tanto dos preços quanto dos custos marginais (de aproximadamente 45%), explicada pelo ciclo de alta da taxa Selic.

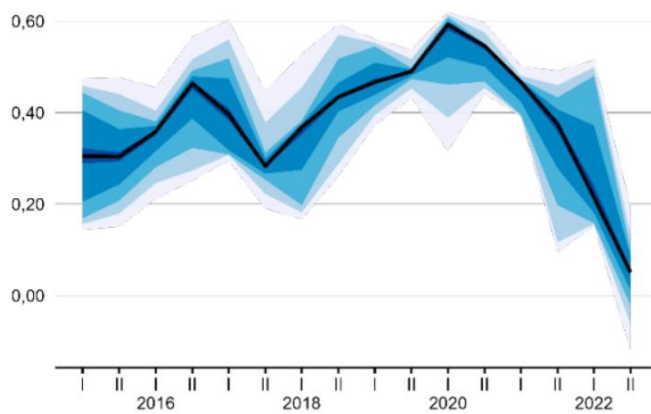
No segmento de cooperativas (b3), o Índice já apontava uma trajetória descendente (aumento da concorrência) desde antes do início da pandemia, e manteve tal trajetória. Já no caso das instituições do segmento não bancário (n1), o movimento também é de continuidade do recuo do índice desde o início da pandemia (Quadro 14).

**Quadro 13: Índice de Lerner de Crédito
Segmento bancário**



Fonte: REB 2022

**Quadro 14: Índice de Lerner de Crédito
Segmento não bancário**



Fonte: REB 2022

Em resumo, o Índice de Lerner apontou aumento na concorrência em todos os segmentos do mercado de crédito desde o início da pandemia, englobando, aqui, os setores bancário (b1+b2), cooperativas (b3) e de instituições não bancárias (n1). Portanto, nos três segmentos, houve indicativo de redução do poder de mercado e aumento da concorrência entre as instituições.

Já no caso do mercado de serviços financeiros (administração de fundos, serviços de pagamentos, serviços referentes ao mercado de capitais, intermediação de empréstimos e outros) oferecidos pelas instituições do segmento bancário (b1+b2), a concorrência mostra um comportamento diverso. Após aumentar entre 2020 e 2021, a concorrência reduziu em 2022, com o Índice apontando um maior poder de mercado dos bancos no segmento de serviços. A alta refletiu a queda dos custos marginais e um pequeno aumento dos preços.

No geral, os indicadores têm sinalizando um aumento da competição entre as instituições nos últimos anos, especialmente no mercado de crédito. Aqui, importante frisar que concentração e competição são temas distintos, e não devem ser confundidos como causa e efeito. Note que, a despeito de algum grau de concentração, os indicadores calculados pelo BC mostram que o mercado é bastante competitivo.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	16/06/23	09/06/23	19/05/23	Viés	16/06/23	09/06/23	19/05/23	Viés
IPCA (%)	5,12	5,42	5,80	▼	4,00	4,04	4,13	▼
PIB (% de crescimento)	2,14	1,84	1,20	▲	1,20	1,27	1,30	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	12,25	12,50	12,50	▼	9,50	10,00	10,00	▼
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,00	5,10	5,15	▼	5,10	5,17	5,20	▼

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	16/06/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,82	-1,19%	-4,60%	-8,66%	-4,59%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	184,13	-5,87%	-13,28%	-27,52%	-30,97%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,64	0,08%	-0,02%	-0,13%	3,50%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	12,02	0,05%	-3,19%	-10,40%	-12,01%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,76	0,14%	-3,44%	-14,72%	-14,86%
Índice Ibovespa (em pontos)	118.758,42	1,49%	9,62%	8,22%	15,52%
IFNC (setor financeiro)	12.141,96	1,63%	9,50%	18,42%	24,26%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,25	0,00%	0,00%	16,67%	200,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,71	2,58%	7,07%	6,51%	52,40%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	3,76	0,59%	3,26%	-2,93%	17,72%
Dollar Index	102,24	-1,27%	-2,00%	-1,24%	-1,34%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.409,59	2,58%	5,50%	14,85%	20,26%
Índice de ações de bancos – EUA	90,93	-0,46%	11,94%	-20,30%	-12,53%
Índice Euro Stoxx 50	4.394,82	2,45%	4,19%	15,85%	28,21%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	104,97	1,91%	6,68%	9,50%	27,95%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	76,61	2,43%	5,44%	-10,83%	-36,06%

Fonte: Bloomberg

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira